



UNIVERSIDADE, ARTESANATO E INOVAÇÃO

A contribuição da
Unifor para a 9ª edição
do Render-CE

[P. 10](#)

TENERIFE VIVE E RESISTE EM TAUÁ

Tradição artesanal
esta renda atravessa
gerações e mantém
viva a identidade do
sertão cearense

[P. 20](#)

TECENDO HISTÓRIAS COM AS PRÓPRIAS MÃOS

Tradição, trabalho
e identidade são
costurados juntos

[P. 24](#)



Unifor

ren der -ce





FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Presidente: Lenise Queiroz Rocha

Vice-Presidente: Manoela Queiroz Bacelar

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Reitor: Randal Martins Pompeu

Vice-Reitora de Ensino de Graduação e Pós-Graduação: Katherinne de Macêdo Maciel Mihaliuc

Vice-Reitor de Administração: José Maria Gondim

Vice-Reitor de Pesquisa: Afonso Lima

Vice-Reitora de Extensão e Comunidade Universitária: Adriana Helena Moreira

Diretora de Relações Internacionais: Gina Vidal Marcílio Pompeu

Diretora de Comunicação, Marketing e Comercial: Ana Quezado

Diretor de Planejamento: Marcelo Nogueira Magalhães

Diretor de Tecnologia: Adriano Honorato

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão (CCG): Danielle Batista Coimbra

Diretora do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ): Juliana Maria Borges Mamede

Diretor do Centro de Ciências Tecnológicas (CCT): Jackson Sávio de Vasconcelos Silva

Diretora do Centro de Ciências da Saúde (CCS): Lia Brasil Barroso

Diretor de Pós-Graduação: Marcus James Chaves Bessa

REVISTA RENDER - Ce

Editor-Executivo: Prof. José Wagner Borges Gondim

Colaboração

Profa. Milena Baratta Nunes Aldigueri Rodriguez

Profa. Rafaela Ponte Lisboa

Alunos bolsistas do Curso de Jornalismo UNIFOR

Laíssa Esmeraldo

Leonardo Piccinini

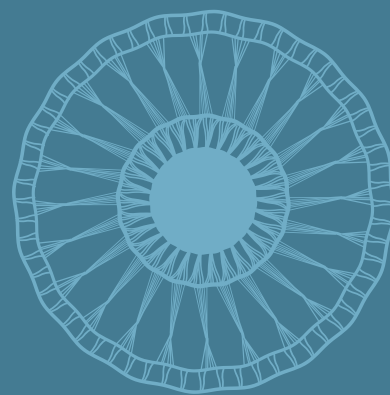
Revisão

Profa. Aíla Sampaio

Projeto Gráfico e Diagramação: Prof. Aderson dos Santos Sampaio e Vinicius Soares

Fotos: Camila Mendes, Felipe Carvalho, Leonardo Bino, Letícia Ribeiro, Manuela Esmeraldo e Sofia diMelo

Ilustração: Envato Elements



Unifor



Loja do Bem

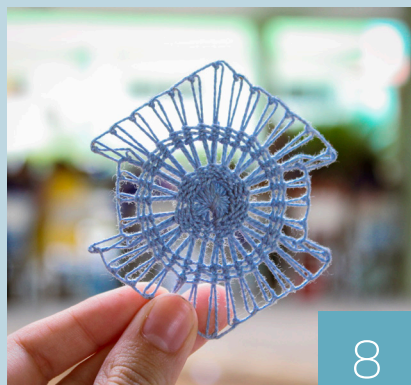


Iguatemi
Bosque

ESG



Sertanejar



8



14



20



24



30



33

SUM



38



45



48



63



50

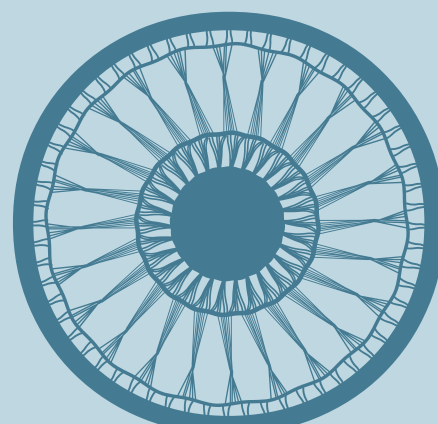


58



69

ÁRI





ENSINO QUE TRANSFORMA, CULTURA QUE PERMANECE



Randal Martins Pompeu

Reitor da Universidade de Fortaleza

A universidade que deseja transformar a realidade precisa, antes de tudo, estar disposta a aprender com ela. É nesse encontro entre o conhecimento acadêmico e os saberes da sociedade que se fortalecem as conexões capazes de gerar impacto, inovação e desenvolvimento. O Projeto Render-CE representa uma dessas experiências, aproximando alunos, professores, comunidades e parceiros em torno da tradição e da cultura cearense.



Sertaneear

Em sua 9ª edição, o Projeto Render-CE reafirma seu propósito de valorizar o artesanato do Ceará, mais precisamente de Tauá, município do Sertão dos Inhamuns que se destaca pela força de seus artesãos, expressa na renda Tenerife e nos conhecimentos que atravessam gerações. Em cada fio tecido, em cada peça produzida e em cada história compartilhada, é possível encontrar a representação da identidade de um povo.

Ao participar do projeto, alunos de diferentes áreas do conhecimento entram em contato com a realidade da cidade de Tauá e suas artesãs, uma experiência formativa singular. Os alunos deixam de ser apenas observadores para se tornar agentes de aprendizagem, inovação e compromisso social. Aprendem que criar exige escuta, que inovar pressupõe respeito às tradições e que o conhecimento acadêmico alcança sua plenitude quando colocado a serviço das pessoas.

A Universidade de Fortaleza acredita que promover a interação entre alunos e sociedade propicia aos discentes uma dimensão real de seu papel enquanto profissional cidadão, o que se traduz em prática efetiva na formação de profissionais tecnicamente qualificados e socialmente comprometidos. Projetos como o Render-CE demonstram que é possível integrar ensino, pesquisa e extensão em experiências que geram impacto para todos os envolvidos.

Esta edição da Revista Render-CE convida você, leitora e leitor, a conhecer mais uma experiência em que tradição, conhecimento e inovação caminham lado a lado. Ao longo destas páginas, encontram-se histórias, pessoas, processos criativos e aprendizagens que evidenciam o poder transformador gerado pela união entre pessoas. Que este registro inspire novas conexões entre a academia e a sociedade, e reafirme a convicção de que preservar a identidade cultural é construir caminhos para um futuro mais humano, inclusivo e sustentável.

RENDER-CE: QUANDO APRENDER SIGNIFICA TRANSFORMAR REALIDADES



Katherine Macedo Maciel Mihaliuc

Vice-Reitora de Ensino da Universidade de Fortaleza

Na Universidade de Fortaleza, acreditamos que a formação universitária deve ultrapassar os limites da sala de aula. Formar profissionais para os desafios do século XXI exige muito mais do que transmitir conteúdos: requer a criação de oportunidades para que os estudantes vivenciem situações reais, desenvolver senso crítico e oportunizar situações de trabalhos colaborativos e cooperativos, além disso, promover nos discentes um despertar de seu papel enquanto agentes para e de transformação social.

É nesse contexto que o Projeto Render-CE se consolida como uma significativa experiência formativa da nossa instituição. Vinculado à Vice-Reitoria de Ensino, o projeto materializa uma concepção pedagógica que coloca a experiência, a prática e o compromisso social no centro do processo educativo.

Ao longo de suas nove edições, o Render-CE tem promovido o encontro entre universidade, comunidades artesãs, setor produtivo e sociedade, construindo pontes entre diferentes saberes e demonstrando que a aprendizagem mais significativa acontece quando o conhecimento acadêmico dialoga com a vida real.

Mais do que um projeto de extensão, o Render-CE representa uma potente estratégia de ensino baseada na vivência, na experimentação e na construção coletiva do conhecimento.

Nele, os estudantes deixam de ocupar uma posição passiva para assumir o protagonismo de sua própria formação. Visitam comunidades artesãs, realizam diagnósticos, ministram oficinas, participam de processos de cocriação, desenvolvem produtos, elaboram projetos expositivos, constroem protótipos e acom-

panham a execução das soluções concebidas.

Essa dinâmica traduz, na prática, o conceito de hands-on learning — aprender fazendo. Em vez de apenas estudar processos produtivos, os estudantes os vivenciam. Em vez de apenas imaginar soluções, eles as constroem. Em vez de apenas compreender teoricamente os desafios da profissão, enfrentam problemas reais que exigem criatividade, responsabilidade e capacidade de adaptação.

Ao se aproximarem das comunidades participantes, os alunos também ampliam sua compreensão sobre a riqueza cultural do Ceará. Aprendem sobre técnicas tradicionais transmitidas entre gerações, sobre identidade, resistência, criatividade e modos de vida que constituem o patrimônio imaterial do nosso estado. Descobrem, sobretudo, que o conhecimento não está restrito aos laboratórios ou à biblioteca universitária; ele também floresce nos territórios, nas histórias de vida e nos saberes construídos pela experiência.

Ao reconhecer e valorizar esses conhecimentos, o projeto rompe

com hierarquias tradicionais entre saber acadêmico e saber popular, promovendo uma verdadeira construção coletiva do conhecimento. É justamente nesse diálogo que reside uma das maiores contribuições do Render-CE: formar profissionais capazes de aprender com o outro, respeitar diferentes perspectivas e compreender a complexidade dos contextos nos quais irão atuar.

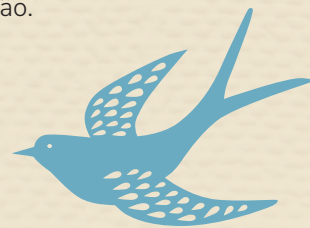
Ao participar de todas as etapas do processo — da concepção à materialização dos projetos — os estudantes desenvolvem competências técnicas e socioemocionais essenciais para sua trajetória profissional. Aprendem a trabalhar em equipe, a lidar com desafios concretos, a escutar com sensibilidade e a tomar decisões fundamentadas diante de situações complexas.

Na Vice-Reitoria de Ensino, temos trabalhado continuamente para fortalecer iniciativas que integrem ensino, pesquisa e extensão em experiências educacionais significativas. O Render-CE é uma expressão inspiradora desse propósito e representa a essência da formação que defendemos na Universidade de Fortaleza: uma aprendizagem viva, conectada à realidade e com-

prometida com a transformação social.

Porque educar é, acima de tudo, criar encontros. Encontros entre pessoas, culturas, conhecimentos e sonhos. E é nesses encontros que o aprendizado ganha sentido, que a inovação encontra raízes e que a universidade cumpre sua missão mais nobre: transformar vidas enquanto também se deixa transformar por elas.

Ao unir as mãos que ensinam às mãos que criam, o Render-CE tece muito mais do que produtos, projetos ou exposições. O projeto provoca um entrelaçado entre histórias, que visa um fortalecimento entre identidades e um processo de construção futuros. Como os delicados fios das rendas que inspiram o projeto, cada experiência vivida entre estudantes e artesãos favorece a troca de saberes, afetos e possibilidades, formando uma trama coletiva que conecta tradição e inovação, universidade e comunidade, aprendizagem e transformação.



UNIVERSIDADE, ARTESANATO E INOVAÇÃO

A CONTRIBUIÇÃO DA
UNIFOR PARA A 9ª EDIÇÃO
DO RENDER-CE



Professoras Milena Baratta e Rafaela Ponte

Assessoras de Apoio ao Discente da Vice-Reitoria de
Ensino de Graduação e Pós-Graduação

A Universidade de Fortaleza reafirmou, mais uma vez, seu compromisso com a formação acadêmica de excelência, a inovação social e a valorização da cultura cearense ao participar da 9ª edição do Render-CE. Consolidado como uma das principais iniciativas de integração entre universidade, artesanato e economia criativa no Ceará, o projeto reuniu docentes, estudantes, profissionais e artesãos em uma experiência marcada pela interdisciplinaridade, pela cocriação e pelo impacto social.





Nesta edição, a participação da Unifor mobilizou 17 professores e 80 estudantes de 15 cursos vinculados aos Centros de Ciências da Gestão e Comunicação (CCG), Ciências Tecnológicas (CCT) e Ciências da Saúde (CCS). A diversidade de áreas envolvidas permitiu que o projeto extrapolasse a criação de produtos, transformando-se em um amplo laboratório de aprendizagem, no qual conhecimentos técnicos, científicos e culturais convergiram em prol do fortalecimento do artesanato cearense.

O Render-CE tem como princípio aproximar a academia dos saberes tradicionais, promovendo o diálogo entre estudantes e artesãos rendeiros. Nesse contexto, os participantes são desafiados a desenvolver soluções criativas capazes de agregar valor ao artesanato local, respeitando sua identidade cultural e contribuindo para sua sustentabilidade econômica. A experiência proporciona aos estudantes uma vivência prática que articula ensino, pesquisa e extensão, ao mesmo tempo em que fortalece as comunidades envolvidas.

Entre os resultados mais expressivos da edição está o desenvolvi-

mento de produtos de home décor e vestuário concebidos a partir de processos colaborativos entre estudantes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Design, Design de Moda, Moda e Farmácia e as artesãs participantes. As criações evidenciam o potencial da renda de tenerife como elemento contemporâneo de design, demonstrando como tradição e inovação podem coexistir na construção de produtos com identidade regional e potencial de mercado.

Além do desenvolvimento dos produtos, a Universidade de Fortaleza contribuiu para a realização de uma série de ações estratégicas que ampliaram o alcance e a visibilidade do projeto. Importantes núcleos de práticas profissionais da instituição atuaram de forma integrada na produção de materiais e serviços fundamentais para a consolidação da iniciativa.

O Núcleo de Extensão e Práticas do Centro de Ciências Tecnológicas (NEP), o Newslink, a Agência 365 lab, o Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal (NAF) e o Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI) uniram esforços para desenvolver produtos de comunicação, gestão



e assistência que contribuíram diretamente para o fortalecimento do projeto. Entre as entregas realizadas destacam-se a produção da terceira edição da Revista Render-CE, a elaboração do documentário oficial desenvolvido pelo curso de Cinema e Audiovisual em parceria com a TV Unifor, a produção de um tutorial audiovisual sobre técnicas em resina aplicadas ao artesanato, a criação da identidade visual e da comunicação do evento, além do projeto expográfico da mostra que apresenta ao público os resultados da edição.

A dimensão formativa do Render-CE também esteve presente por meio de oficinas voltadas ao empreendedorismo e à qualificação das artesãs. As atividades buscaram ampliar conhecimentos relacionados à gestão de negócios, formalização profissional e inovação produtiva, contribuindo para a autonomia e o fortalecimento econômico das participantes.

Entre as capacitações realizadas destacaram-se as oficinas “Do Talento ao Lucro: Descomplicando as Finanças, a Legalização e Exportação do Artesanato”, que abordou aspectos fundamentais para a ges-

tão e comercialização dos produtos artesanais, e “Tenerife em Resina: Preservar e Inovar”, que explorou novas possibilidades de aplicação da técnica artesanal em produtos contemporâneos. As formações demonstraram como o conhecimento acadêmico pode contribuir para ampliar oportunidades de mercado sem descaracterizar os valores culturais associados ao fazer artesanal.

Outro diferencial da participação da Unifor na 9ª edição do Render-CE foi a ampliação das ações de cuidado e promoção da saúde voltadas às rendeiras. Reconhecendo a importância de uma abordagem integral, o projeto incorporou atividades desenvolvidas por estudantes e professores dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Psicologia, Estética e Cosmética e Medicina.

As ações contemplaram atendimentos especializados, orientações em saúde, escuta psicológica qualificada, avaliação funcional pélvica, serviços estéticos e acompanhamento ginecológico e cardiometabólico. A iniciativa reforçou a compreensão de que o fortalecimento das comunidades artesãs passa não apenas pela valorização

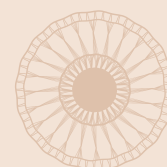
de seu trabalho, mas também pelo cuidado com sua saúde e qualidade de vida.

Ao integrar cultura, educação, inovação, empreendedorismo e responsabilidade social, a participação da Universidade de Fortaleza na 9ª edição do Render-CE evidencia o papel transformador da extensão universitária. Mais do que um projeto de desenvolvimento de produtos, o Render-CE se consolida como um espaço de troca de saberes, construção coletiva e promoção do desenvolvimento sustentável, conectando universidade e sociedade em torno da valorização do patrimônio cultural cearense.

Os resultados alcançados nesta edição demonstram que a aproximação entre conhecimento acadêmico e saberes tradicionais produz impactos que ultrapassam os limites da sala de aula. Para estudantes, representa uma oportunidade singular de formação cidadã e profissional; para as artesãs, uma possibilidade de inovação e fortalecimento econômico; e para a sociedade, um exemplo concreto de como a universidade pode atuar como agente de transformação social e preservação cultural.



Em Tauá, o artesanato revela saberes, histórias e a mostram a identidade viva da região | Fotos: Camila Mendes



EM TAUÁ, PERMANECER É ESCOLHA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

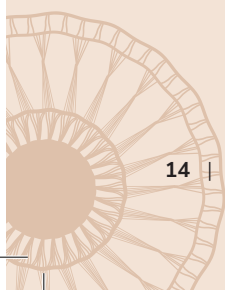
NO LUGAR ONDE TRADIÇÃO E TRABALHO SE ENTRELAÇAM, VÍNCULOS SE FORTALECEM E NOVOS CAMINHOS SURGEM PARA CONSTRUIR UMA VIDA DIGNA SEM PRECISAR PARTIR



Lafssa Esmeraldo

Aluna do curso de Jornalismo da Unifor

Na região dos Inhamuns, no município de Tauá, existem mulheres artesãs que não só tecem peças, mas constroem as próprias histórias. Elas transformam produtos em identidade e pertencimento. Com agulhas, moldes e linhas, o artesanato na cidade funciona como uma âncora, que cria uma conexão entre o povo e o município, dando sentido à escolha de permanecer.



A artesã Virgiana de Almeida diz que Tauá tem uma mistura de resistência, coragem e fé. “Viver no Sertão dos Inhamuns é aprender que riqueza não está no excesso, mas no significado de criar e recriar cada dia com o pouco que nos é proporcionado”, explica.

Nesse cotidiano de criação e reinvenção, o fazer artesanal ganha significado. A artesã Aíla Lima diz que a arte vai além do trabalho manual e destaca que cada peça carrega sentidos próprios. “Costumo dizer que ele é

história, com ‘H’, e estória, com ‘E’”, afirma ao explicar que, por trás de cada peça e cada traço estão presentes memórias, invenções e experiências que dão sentido ao trabalho.

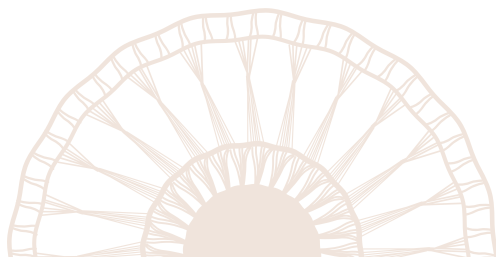
No meio da Caatinga, Tauá resiste à seca do semiárido. Com cerca de 64 mil habitantes, o município ocupa o segundo maior território do Estado do Ceará. A chuva, fiel ao calendário, marca presença entre os meses de janeiro a abril e ensina ao povo a virtude da espera e da paciência.

O Serrote do Quinamuiú revela a beleza e a força da paisagem do sertão de Tauá - Foto: Manuela Esmeraldo



Formada no início do século XVIII, a cidade carrega uma trajetória marcada pela resistência, construída na relação constante entre o povo e o território. Ao longo do tempo, essa convivência foi sendo moldada por desafios e adaptações, que definem a identidade local.

A aproximadamente 342 km da capital, Fortaleza, Tauá mantém uma dinâmica própria. É caracterizada por laços comunitários, tradições e atividades econômicas que fortalecem a permanência de quem vive no município. Esse vínculo com o território também é construído no cotidiano, nas relações que se formam e se fortalecem.





Artesãs caminham de juntas, fortalecendo o trabalho coletivo do artesanato local - Foto: Leonardo Bino

Para Aíla, este sentimento de pertencimento nasce dessas conexões. Os laços afetivos criados no cotidiano, seja com família e colegas, seja com vizinhos e amigos, fazem com que as pessoas se sintam parte de Tauá. Afirma: “a gente vai criando, dia após dia, esse pertencer”, ressaltando a sensação de familiaridade e segurança que surge a partir do momento em que se reconhece no próprio território.

Entre essas artesãs, estão as mulheres do Tenerife, um estilo de renda marcado por desenhos geométricos formados a partir do entrelaçamento de fios sobre uma base, que exige paciência, precisão e domínio da técnica. Com movimentos delicados, elas produzem peças que carregam histórias, memórias e pertencimento.



A produção da renda tenerife requer habilidade manual e atenção aos detalhes - Foto: Manuela Esmeraldo

Aprendido, muitas vezes, dentro de casa, o ofício atravessa gerações e demanda tempo e dedicação. Além da beleza, cada peça revela o trabalho de quem encontra no artesanato uma fonte de renda e autonomia.

A união e o apoio entre as artesãs somados aos incentivos locais, fortalece o vínculo com o território. Com isso, muitas optam por permanecer em Tauá, em vez de se mudar para a capital em busca de melhores condições de vida.

Um exemplo é a história da artesã Aurecy Veríssimo. Nascida em Tauá, ela passou a infância e a juventude no município, mas, como muitos, se viu obrigada a se mudar para São Paulo, onde viveu por 20 anos. Em 2013, retornou à cidade natal. “O bom filho sempre retorna à sua casa”, cita, fazendo referência ao ditado bíblico. E, nesse retorno, encontrou no artesanato uma forma de sobrevivência. “Graças a Deus, deu certo”, afirma.



Aurecy revela que a família, as amigas e o artesanato fortalecem seu vínculo com Tauá -
Fotos: Letícia Ribeiro

Aíla afirma que o artesanato também tem papel importante nesse sentimento, já que hoje se sente realizada com tudo o que vive e constrói no dia a dia. Segundo ela, é um conjunto de experiências atrelado à satisfação pessoal que explica por que nunca sentiu vontade de deixar Tauá. A experiência dela acompanha transformações que vêm redesenhando a realidade do município.

Este vínculo com o fazer artesanal ajuda a explicar também mudanças mais amplas na dinâmica local. Se antes sair de Tauá era, muitas vezes, uma necessidade, hoje a permanência começa a se consolidar como uma alternativa real.



Salete Vale, curadora do Museu Regional dos Inhamuns, lembra que, antigamente, a ida para a capital era “quase obrigatória” para ter acesso, principalmente, à educação e à saúde. Não existia faculdade na cidade, nem muitas opções de médicos, exames e locais de procedimentos disponíveis. “Tudo era resolvido em Fortaleza. Agora o contexto é outro. Temos médicos especialistas em várias áreas, laboratórios e muitas outras coisas”, destaca.



Ao lado do Serrote do Quinamuiú, a simplicidade é o cenário de uma vida que segue em Tauá - Foto: Camila Mendes



Curadora apresenta o acervo e conduz o público por memórias que preservam a história local - Foto: Letícia Ribeiro

Para Aurecy, Tauá representa moradia, carinho e aconchego. Além disso, significa família e amigos, reuniões, passeios, grupos e feiras. “Tauá mudou muito, cresceu bastante. A saúde, educação, órgãos públicos, empreendimentos particulares também. O comércio está aquecido, tem muitas farmácias, lojas e mercantis. Tem praças para as crianças. Cresceu bastante, mas desafios continuam existindo”, lembra a artesã.

Para Aurecy, Tauá representa moradia, carinho e aconchego. Além disso, significa família e amigos, reuniões, passeios, grupos e feiras. “Tauá mudou muito, cresceu bastante. A saúde, educação, órgãos públicos, empreendimentos particulares também. O comércio está aquecido, tem muitas farmácias, lojas e mercantis. Tem praças para as crianças. Cresceu bastante, mas desafios continuam existindo”, lembra a artesã.

Lúcia Alves, artesã, diz ter morado em outras localidades, mas que nunca encontrou o que viu no município. “Amor, zelo, cuidado, paixão e incentivo ao artesanato e à cultura. Isso faz toda a diferença na minha vida. Em Tauá, costumo dizer que só não trabalha e não vive bem quem não quer. Tem oportunidade. E isso é só o começo. Tauá é o futuro”, sustenta.

A relação com a cidade também se revela na escolha de permanecer. Aíla conta que nunca pensou em sair da cidade e, embora já tenha viajado, não se vê vivendo em outros lugares. Ela relata que gosta de visitar a capital, passear e aproveitar alguns momentos, mas é em Tauá que se sente, de fato, em

casa. “Eu amo estar aqui na minha cidadezinha”, afirma.

Neste entrelaçar de histórias e vidas, muitas encontram sentido em permanecer e se sentem fazendo parte de algo maior. A artesã Aurecy resume esse sentimento ao dizer que o que a mantém em Tauá, além da família, são os laços construídos. Novos caminhos, amizades e parcerias. Ela descobriu um novo modo de viver. “Estou feliz”, assume.

O orgulho pela cidade aparece na forma como seus moradores a enxergam e a nomeiam. Para Aíla, Tauá faz jus ao título de “Princesa dos Inhamuns”, expressão que, mesmo tendo surgido de forma

simbólica, representa o carinho e a admiração pelo lugar. “Eu gosto do meu Tauá, estou orgulhosa. Esse nome de Princesa dos Inhamuns... é uma princesa, viu?”, afirma, reforçando o sentimento de valorização e afeto pelo município.

“O que Tauá representa para mim? Vida. Em Tauá eu tenho vida”, responde Aíla com convicção. É essa sensação que sustenta a permanência de muitas mulheres. Hoje, “ficar” já não é mais falta de opção. Passa a ser uma escolha consciente, baseada em vínculos afetivos, oportunidades e sentido encontrado na localidade. Com o senso forte de pertencimento e diferentes possibilidades, o “manter-se” ganha novo sentido.



No anoitecer, Tauá revela a identidade construída pela memória e pelo cotidiano - Foto: Letícia Ribeiro

TENERIFE VIVE E RESISTE EM TAUÁ

TRADIÇÃO ARTESANAL ESTA RENDA ATRAVESSA GERAÇÕES E MANTÉM VIVA A IDENTIDADE DO SERTÃO CEARENSE

A produção do tenerife integra tradição e geração de renda no contexto local - Foto: Leonardo Bino

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆
Laíssa Esmeraldo

Aluna do curso de Jornalismo da Unifor

A renda tenerife ganha destaque no interior do Estado do Ceará. Em Tauá, a técnica antes extinta, ganha vida nas mãos de artesãs que, com esmero e paciência, transformam linhas em peças delicadas. O tenerife reúne histórias, preserva tradições e fortalece a identidade do sertão cearense. Além do valor estético, existem significados que vão além do fazer manual.



Com poucos instrumentos, o tenerife permite criar peças completas, do vestuário à decoração, revelando a versatilidade da técnica, diz a artesã Maria - Foto: Camila Mendes

O processo se inicia com a separação dos materiais. Maria Rodrigues, artesã e professora de tenerife, explica que, para começar, é preciso ter em mãos uma agulha, fina ou mais grossa, a depender do objeto a ser produzido. Uma almofada redonda que serve como base de apoio, dando mais estabilidade e precisão, onde os fios são presos em alfinetes até formar os desenhos desejados.

O tenerife é uma técnica artesanal delicada, que remete ao século XVI, na Ilha de Tenerife, em território espanhol. No Brasil, a técnica se firmou com mais consistência na região Nordeste, especialmente no Ceará.

Em Tauá, no entanto, a técnica desapareceu completamente, provavelmente na década de 1960, explica Thalles Walker, artesão e pesquisador do artesanato, idealizador do processo de resgate da renda tenerife, em Tauá. A renda existia apenas na tradição oral, nas peças do Museu dos Inhamuns e no depoimento de artesãs mais antigas.

O maior desafio nesse processo do despertar, como descreveu Walker, foi mobilizar e engajar as artesãs para que pudessem aderir à ideia. “Muitas estavam apegadas ao bordado e ao crochê, por terem uma certeza de mercado. As que realmente acreditaram e se movi-

mentaram, hoje, são mestras que repassam conhecimento”, observa o idealizador.

Ponto a ponto, como no caseado ou no filete, Maria conta que aprendeu as primeiras técnicas em pouco mais de um mês. Ainda assim, afirma que, entre todas as que domina, o tenerife é a mais complexa.

Em média, uma peça de cerca de seis centímetros leva, aproximadamente, uma hora e quarenta minutos para ficar pronta, podendo variar conforme a complexidade do desenho. Este mesmo fator influencia também no valor final do produto, que muda com o nível de detalhamento.



Os instrumentos do tenerife refletem a base técnica de uma prática artesanal tradicional - Foto: Camila Mendes

O artesão e pesquisador afirma que o tenerife o surpreende em diferentes aspectos. Segundo Walker, trata-se de uma renda bastante particular, marcada pelo caráter geométrico. Também destaca que a técnica possui um bom potencial de aprendizado e produção, ampliando as possibilidades de geração de renda.

A execução exige paciência e capricho. O trabalho demanda cuidado com o material, mãos sempre limpas, além de delicadeza no acabamento. A partir dessa técnica, é possível produzir peças como toalhas, caminhos de mesa, roupas, acessórios, objetos decorativos e muitos outros. As possibilidades são muitas.

Walker afirma que o tenerife faz parte da essência do fazer artesanal de Tauá, da mesma maneira que outras tipologias ligadas ao fio e a trama do algodão. Todas as

artesanias, mesmo as que já morreram ou as que estão desaparecendo, fazem parte do patrimônio que precisa ser preservado.

Constata ainda que o ressurgimento do tenerife e a facilidade com a qual a técnica passou a integrar vestidos e outras peças ocorreram em pouco mais de dois anos de resgate. Para ele, isso demonstra o quanto esses saberes permanecem na memória coletiva e no coração da comunidade.

Para Maria, cada peça finalizada carrega uma complexa técnica e é a materialização de todo um percurso. Ao concluir um trabalho, descreve, tem um sentimento forte de realização e superação, como se cada ponto guardasse um pouco de vida.

É justamente nesse sentido que o fazer artesanal perpassa o individual e chega a alcançar um con-



O saber das artesãs fortalece o tenerife, que se desenvolve com técnicas e materiais de identidade própria - Foto: Camila Mendes

texto mais amplo, principalmente de valorização cultural. Existe o reconhecimento do artesanato como patrimônio e parte da identidade da região.

Recuperar uma técnica, como o tenerife em Tauá, diz muito sobre histórias, valorização do trabalho manual e permanência de uma tradição. “É necessário ficar sempre atento, para cuidarmos do nosso patrimônio, sempre valorizando e repassando a história e qualificando nossas mestras”, lembra Thalles.



Valorizar, preservar e transmitir saberes é essencial para manter vivo este patrimônio - Foto: Manuela Esmeraldo



“Acredito que não desenvolvemos o máximo de potencial dele ainda e realmente acho que Tauá ainda vai contar uma belíssima história de amor entre nosso artesanato e o renascimento do tenerife”, conclui o idealizador do processo de resgate da renda.

Nesse cenário, o tenerife segue sendo mais do que uma técnica. É um símbolo de legado e tradição associados ao presente e ao futuro. O fazer artesanal em Tauá vem se consolidando como parte viva da cultura local, sendo sustentado pelas mãos de quem preservam e ensinam, fio a fio, a história da região.

Peças finalizadas de tenerife revelam precisão e cuidado - Foto: Manuela Esmeraldo

TECENDO HISTÓRIAS COM AS PRÓPRIAS MÃOS

EM TAUÁ, TRADIÇÃO,
TRABALHO E IDENTIDADE
SÃO COSTURADOS JUNTOS
NA VIDA DE ARTESÃS QUE
TRANSFORMAM SABERES
EM EXPRESSÃO, MEMÓRIA E
RESISTÊNCIA



Laíssa Esmeraldo

Aluna do curso de Jornalismo da Unifor

Agulha, fio e movimentos repetidos. Cada ponto do tenerife faz nascer peças que exalam delicadeza, mas não só isso. Em Tauá, a renda carrega o tempo de quem faz, a memória de quem ensinou e a persistência de quem escolheu ficar. Antes do valor material, esse tipo de artesanato tem relevância singular, que se constrói nas mãos de cada artesã, guardando um pouco da vida de cada uma.



Para Yda, o tenerife transformou caminhos e despertou novas possibilidades -
Foto: Camila Mendes

Como Yda, outras artesãs também tiveram os primeiros encontros com o artesanato ainda jovens, descobrindo os pontos e linhas. Antônia Francisca Rodrigues, por exemplo, começou no artesanato por meio do crochê, aos oito anos de idade. Hoje desenvolve diferentes técnicas, e lembra-se qual foi a primeira peça que fez: “foi uma toalha de banheira. Lembro perfeitamente dela, branca e vermelha.”



Sertanear

Em Tauá, o artesanato
revela saberes, histórias
e a mostram a identidade
viva da região |
Fotos: Camila Mendes

As mãos se movimentam com agilidade. Em silêncio ou entre conversas, o tempo segue em outro ritmo. Para essas mulheres, o artesanato não é só produção ou trabalho. Faz parte de quem são. “Encontrei no artesanato uma forma de me expressar. Minha história caminha junto com o que eu crio, porque cada peça carrega um pouco de mim”, conta Yda.

Quando pega a almofada de trabalho, Joquebede Alves se reconecta consigo mesma. “Eu me desligo das coisas do mundo lá fora e me sinto leve.” No processo, diz se reconhecer em cada peça que produz e reforça que nenhuma é igual à outra. Cada uma carrega uma identidade própria: a dela.

Para Antônia Matias, mais conhecida como Fábria, o artesanato é calmação, é uma forma de se desligar das preocupações e dedicar um tempo para si. “Minha mente voa na criatividade”, explica, “eu amo muito!”.

Ela destaca que todo o processo, além de ser terapêutico, também ajudou na renda familiar. “Através do artesanato eu tive uma mudança real financeiramente como uma visão diferente, sempre dá para fazer melhor!”



“O Tenerife me trouxe oportunidades e superação”, diz Joquebede
Fotos: Camila Mendes

O tenerife surge nas falas das artesãs como um ponto de virada, sendo mais do que uma técnica. Para Yda, foi o momento em que se permitiu aprender algo novo, mesmo achando que não conseguiria. Conseguiu e hoje, o “fazer manual” ganhou um novo sentido. Para Fábria, o tenerife é sinônimo de descoberta e delicadeza e

vê, na técnica, a possibilidade de transformar a própria criatividade em algo concreto. Dando vida às peças que carregam uma marca pessoal, “o tenerife é a arte de criar e transferir em uma peça a sua criatividade, cada peça criada é uma realidade viva da criatividade-



Detalhe da arte em tenerife produzida por artesãs em Tauá - Foto: Manuela Esmeraldo

de". Cada criação, destaca a artesã, é única, sem réplica e resultado de um processo que valoriza a originalidade e a expressão individual.

Antonia Francisca diz que o artesanato mudou a maneira de pensar e de enxergar o mundo. "Vejo tudo de forma diferente e tenho a certeza de que não existe nada impossível", revela. Pelo tenerife, encontrou a própria força para seguir em frente, em um período de depressão.

Assim como Antônia Francisca, Joquebede também enfrentou momentos difíceis. Chegou a fazer

uso de medicação para controlar ansiedade, mas encontrou no artesanato um caminho para lidar com as próprias questões. O fazer manual surgiu quando mais precisava, funcionando como apoio e recomeço. "Acredito que ele pode ajudar, sim, outras mulheres. É uma terapia", afirma.

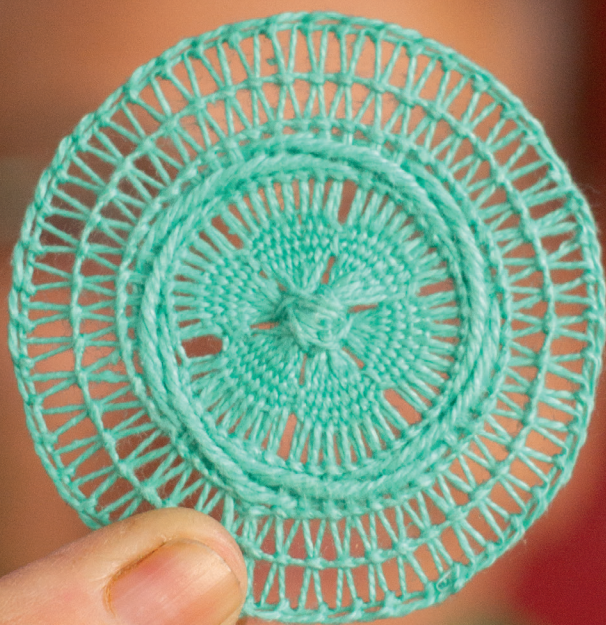
A partir dessa vivência, existe um lado do artesanato que nem sempre é percebido por quem observa apenas a peça já pronta. O que se vê no resultado final não mostra, por completo, os caminhos percorridos até chegar nas mãos de

quem compra. Antonia relata que "as pessoas não enxergam que aquilo ali é uma parte da gente, é uma parte de mim, que foi criado com amor, que é único, que ninguém consegue copiar".

Joquebede lembra que nunca é "só mais uma peça". Cada peça é única, com valor único. O artesanato não é só técnica, é sentimento. Leva tempo, cuidado e um pedaço de quem fez. Mais do que resultado, é processo. "Nenhuma peça vai ser igual e, em todas, a gente transmite a nossa identidade e o sentimento daquele momento", explica a artesã.

O fazer artesanal mantém técnicas tradicionais e saberes transmitidos ao longo do tempo

- Foto: Camila Mendes



“Ninguém vê as horas dedicadas, os erros desfeitos, a paciência em cada ponto, a disciplina, o cuidado e o amor”, alerta Yda. Por trás de cada peça, há um processo que nem sempre é visível: tempo investido, tentativas refeitas e dedicação constante. É nesse percurso que também aparecem os desafios de quem vive do trabalho manual, exigindo das artesãs, todos os dias, persistência e resistência.

Joquebede fala que a desvalorização do trabalho manual é um dos maiores desafios que elas e outras artesãs enfrentam, chegando ao ponto de não saberem, por exemplo, como precificar as peças que produzem. “O desafio é você se manter no mercado, com reconhecimento de ser dado o devido valor ao que a gente faz”, diz.

Além do valor, Yda acrescenta aos desafios o cansaço e a incerteza. “Nem sempre é fácil, mas o que me faz continuar é o amor pelo que faço e a certeza de que o artesanato é parte de quem eu sou”. Emocionada, completa: “O artesanato não é só feito à mão, é feito de mim”.

“Sinto que estou dando continuidade a uma história que não começou comigo. Fazer parte da cultura da minha cidade é manter viva uma tradição, é respeitar o que veio antes e deixar um pouco de mim para quem vem depois”, descreve Yda.

Para Fábria, representar Tauá por meio do artesanato é motivo de orgulho e reconhecimento. Há uma compreensão da importância que esse trabalho tem para além do individual, como expressão da identidade lo-

cal. “É uma honra, a gente entende a grandeza que isso representa. O artesanato é vida e é a identidade de cada lugar”, afirma.

Ao tentar definir o próprio artesanato, principalmente o tenerife, em poucas palavras, algumas se repetiram como legado, pertencimento, identidade, orgulho, amor e dom. Elas sabem que não se trata apenas de um trabalho, mas uma maneira de ser e existir, de permanecer e de manter viva uma tradição que atravessa gerações.

A experiência de anos sustenta a permanência dos saberes na comunidade - Foto: Manuela Esmeraldo





O SERTÃO E AS DIFERENTES FORMAS DE FAZER E CRIAR

DA PEDRA AO COURO, A PLURALIDADE DO ARTESANATO REVELA OS DIFERENTES TIPOS ARTESANAIS DE TAUÁ



Laíssa Esmeraldo

Aluna do curso de Jornalismo da Unifor

O artesanato é uma das principais formas de expressão das raízes de um povo, por meio do qual se torna possível conhecer a identidade de uma região. Nos Inhamuns, ele não se limita a poucas tradições. Na verdade, se revela em diferentes formas, técnicas e significados.

Tauá é reconhecida tanto pela qualidade quanto pela diversidade de bordados, crochês e macramês. Mas, não só isso: a cidade também se destaca pelas peças feitas em couro e em pedra, ampliando o alcance de seus fazeres artesanais.

Neste cenário de diferentes tipos de expressões, mãos transformam matéria bruta em peças que revelam saberes diversos, persistentes no tempo e reinventados dia após dia, mantém viva a identidade cultural do sertão. Na região, o artesanato exige destreza e carrega consigo um pouco de quem o faz.

É nesse contexto que o artesão Marcos Alexandre, que há 10 anos trabalha com couro, destaca a diversidade como um sinal de riqueza cultural. Segundo ele, a soma de saberes torna a cultura mais apreciável e fortalece a convivência entre diferentes artesãos, sendo também uma oportunidade de crescimento.

A diversidade apontada por Marcos também se reflete em outros

fazeres artesanais do município. Daniel Ferreira é um exemplo. Artesão que, desde 1991, dedica-se a esculpir pedras em diferentes figuras e formatos. Para ele, cada peça é única e contém, de alguma maneira, referências do cotidiano de Tauá: a natureza, a história, a cultura e até a geografia aparecem representadas em seu trabalho.

Daniel descreve o processo de transformação da peça, que se inicia com o uso de ferramentas cortantes, como a serra. Em seguida, utiliza uma makita (instrumento que dá forma ao material). A próxima etapa é a do lixamento, que dá os detalhes às peças. Em seguida, o acabamento, que pode variar entre o polimento natural da própria pedra, e o uso de resina acrílica, que dá brilho.

Daniel Ferreira trabalha com pedras, unindo técnica manual e aproveitamento de matérias-primas naturais - Foto: Letícia Ribeiro



Da precisão das etapas que o trabalho na pedra exige, o artesanato em couro surge como um fazer mais intuitivo, marcado pelas experiências e sentimentos de quem o produz. Marcos afirma que ama trabalhar com couro e que a prática funciona, como uma forma de abstração, um momento de se afastar das preocupações do dia a dia.

Os produtos surgem da própria imaginação, combinada à demanda do cliente. O carro-chefe de Marcos são as capas de bíblias. Além delas, acessórios, capa de celular, bainhas de faca e outros. “O cliente lança o desafio e a criação acontece”, diz.

No fim, o sentimento é compartilhado: satisfação e orgulho. Tanto Daniel quanto Marcos se reconhecem, e são reconhecidos, pelo que fazem. Encontram, no próprio ofício, um sentido que vai além do trabalho. Em cada peça, transformam a matéria-prima em expressão cultural que mantém viva tradições que atravessam tempos.

Peças em couro representam uma prática tradicional que une versatilidade e identidade cultural

Foto: Letícia Ribeiro

RENDA QUE NASCE PELAS MÃOS DO SERTÃO

ARTESANATO FORTALECE A ECONOMIA LOCAL,
GERA AUTONOMIA E TRANSFORMA A REALIDADE DE
FAMÍLIAS NO INTERIOR CEARENSE



Laíssa Esmeraldo

Aluna do curso de Jornalismo da Unifor



Com cuidado, o artesanato
ganha força como trabalho
profissional - Foto: Camila
Mendes



No Centro de Artesanato, tradição e criação se encontram e mantêm vivos os saberes locais - Foto: Leonardo Bino

No sertão dos Inhamuns, as manualidades se consolidam como fonte de renda para dezenas de famílias, transformando técnicas herdadas em sustento e oportunidade. Este fazer movimentava a economia local e expressa a força de um trabalho que reúne identidade e geração de renda.

Nesse contexto, a prática artesanal tem papel importante no sustento de muitas famílias, especialmente as chefiadas por mulheres. Para elas, as produções artesanais também se apresentam como caminho de autonomia financeira, ao possibilitar que transformem o próprio talento em fonte de renda.

O impacto econômico da geração de renda vai além do individual e reflete na comunidade. Renata Jereis-



O Centro de Artesanato e Economia Solidária de Tauá conecta tradição, trabalho coletivo e geração de renda - Foto: Letícia Ribeiro

sati, idealizadora do projeto Render-CE, afirma, com base na própria experiência e em pesquisas, que essa atividade tem provocado mudanças relevantes na vida das pessoas, sobretudo entre mulheres, que representam a maioria dos envolvidos.

Segundo a idealizadora, esse tipo de fazer artesanal permite que elas permaneçam em seus locais, ao mesmo tempo em que geram renda. "Isso deixa o dinheiro na própria comunidade e melhora a vida

de todos”, constata. Em Tauá, essa mudança é percebida na vida de muitas mulheres que encontram, nas diferentes técnicas, uma maneira de transformar a própria história.

Esse fazer é uma expressão genuína das raízes de um povo. Do tenerife à escultura em pedra sabão, a história do município é contada e preservada. Os produtos ganham visibilidade em feiras e lojas como no Mercado Público Municipal e, também, fortalecem esse setor como um dos pilares do desenvolvimento econômico da região.

Nesse contexto, o Centro de Artesanato do município se configura como um espaço de valorização e visibilidade da produção local. Ao reunir e expor o trabalho dos artesãos, contribui para ampliar o reconhecimento desse fazer manual, característico da região.

Renata Jereissati destaca a importância de ambientes como esse para evidenciar o valor da produção artesanal. “Por isso é importante ter espaços que valorizam o que é bonito e o que é belo. O que é feito pela gente, pelo nosso povo”, afirma.

Euda Nobre, coordenadora do Centro, destaca que ele está associado à valorização pessoal, autonomia financeira e melhoria da qualidade de vida. “Não se trata apenas de uma atividade econômica, ele é instrumento de transformação social, gerando renda e mudando histórias de vida no município”, explica.

Apesar do fortalecimento deste setor, muitas artesãs ainda enxergam o artesanato como um complemento de renda ou como hobby, devido a falta de valoriza-



Euda assegura que com múltiplos canais de venda, o artesanato amplia a visibilidade e alcança novos mercados - Foto: Letícia Ribeiro

ção dos produtos. Um exemplo, é Pedrina Castro que possui outras fontes de renda. “Faço várias outras coisas”. Além de artesã, é agricultora e diz contar com o extra que recebe com o que produz.



Para Pedrina, trabalhar com tenerife é mais que renda extra: é bem-estar, leveza e cuidado com a própria mente - Foto: Camila Mendes

Zildália Freitas divide a rotina entre o tenerife e o trabalho como auxiliar de serviços gerais. Reconhece que, infelizmente, ainda não recebe a valorização que merece. Acredita, no entanto, no próprio potencial de crescimento financeiro. A artesã relata que, com a venda de camisetas bordadas, almofadas e bolsas,

conseguiu colocar forro na própria casa, que era um desejo antigo.

Emmanuelle Leite é designer gráfica, trabalha com algodão doce em festas infantis e é artesã. Ela conta que, com a renda vinda das peças que produziu, foi possível realizar o sonho da filha de 7 anos: uma festa do ABC, com fotos e vestido. As despesas da cerimônia foram custeadas com o dinheiro vindo da venda dos próprios produtos. “Através da minha produção de tenerife, eu consegui pagar tudo”, relata.

Além de conquistas materiais, a artesã ressalta a autonomia que o trabalho manual proporciona. Explica que, por não conseguir trabalhar fora o tempo todo, o artesanato lhe dá a chance de organizar a própria rotina, produzindo nos horários que pode. A flexibilidade facilita o dia a dia de Emmanuelle. Viúva, vê nesse segmento um meio de manter o sustento da família, com mais segurança.

Perpassando o individual, esse movimento de autonomia também se reflete em um processo mais amplo de fortalecimento do setor. Euda explica que algumas já enxergam essa atividade como um verdadeiro negócio. Buscam capacitação, melhorando a qualidade das peças, organizando a produção e aprendendo sobre precificação e comercialização. Isso, ela diz, é o que eleva o nível dos produtos artesanais locais.

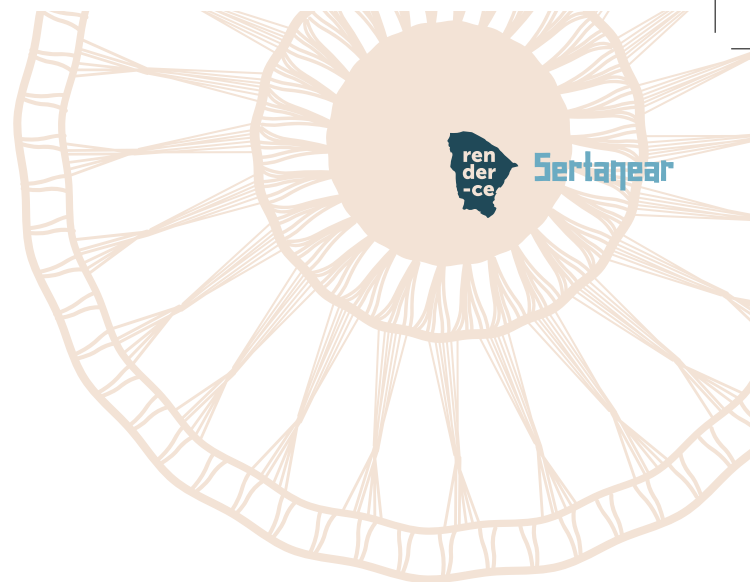
Reforça a importância de incentivar essas mulheres para que se sintam, de fato, artesãs. “Muitas são tímidas (...) ainda precisam entender que tem poder nas mãos e que, se elas dedicarem mais tempo e explorassem mais, iriam conseguir viver disso.”



O artesanato ganha potencial para se fortalecer, garantindo desenvolvimento econômico, social e cultural em Tauá - Foto: Camila Mendes

Emmanuelle sabe: “o artesanato me trouxe muitas coisas boas. E me proporcionou muito, realizando alguns sonhos. Sem esse complemento de renda, não teria sido possível”. Este sentimento de conquista e realização também se reflete na forma como outras artesãs enxergam o próprio trabalho.

Pedrina reconhece que a prática se conecta também com o orgulho de criar. “É muito importante saber produzir e, depois, ver as pessoas apreciando uma obra que você mesma produziu. É muito bom, é maravilhoso! É muito motivador”, revela destacando a valorização e o reconhecimento que funcionam como incentivo para seguir com as produções.



Esse sentimento se insere em um contexto mais amplo para o desenvolvimento da atividade no município. Mesmo diante de desafios, a continuidade de investimentos no setor tem contribuído para sua expansão. Euda destaca que o artesanato em Tauá apresenta potencial de crescimento, impulsionado pela riqueza cultural e pelas tradições locais.

Nesse cenário de expansão, os reflexos já podem ser observados na circulação e no alcance da produção artesanal. As artesãs vêm ocupando novos espaços e alcançado diferentes públicos, o que amplia as oportunidades de venda. Este movimento evidencia não apenas o aumento da produção, mas também o fortalecimento de uma atividade que mistura tradição e geração de renda, ganhando relevância na economia local.

Em união, as artesãs reforçam a força do grupo, que mantém viva toda uma tradição - Foto: Manuela Esmeraldo



DA SALA DE AULA AO SERTÃO, ALUNOS VISITAM TAUÁ EM MOMENTO DE TOTAL IMERSÃO

PROJETO APROXIMA ALUNOS DA REALIDADE CULTURAL DO INTERIOR DO CEARÁ POR MEIO DO ENCONTRO COM ARTESÃS DO TENERIFE E DA VALORIZAÇÃO DE SEUS SABERES



Laíssa Esmeraldo

Aluna do curso de Jornalismo da Unifor

O Projeto Render Ceará chega a Tauá, na região dos Inhamuns, conduzindo estudantes da Universidade de Fortaleza (Unifor) a uma imersão no universo do artesanato local. O destaque é para o bordado tenerife, técnica que carrega história, delicadeza e identidade. No município, o contato direto com as artesãs revela não apenas um fazer manual, mas também os vínculos de pertencimento que cada peça produzida contém.

O tema desta edição foi “permanência e reinvenção”, inspirado na força simbólica do território. Milena Baratta, assessora de apoio ao discente da Vice-Reitoria de Ensino de Graduação e Pós-graduação e coordenadora do projeto, destaca que Tauá “ensina a arte da resistência e de um povo que transforma limites em estratégias, e a adversidade em ação”.

A escolha do município se deu pelo resgate que fez com a renda de tenerife, artesanaria que estava extinta no Ceará. O intuito foi chamar atenção e dar destaque a mais uma modalidade de renda que o estado produz.

“A ida dos alunos ao município teve o propósito de mostrar a eles a cidade, fazer com que conhecessem a realidade das artesãs e proporcionar momentos de trocas entre os envolvidos no projeto. É uma forma de fazermos todos se sentirem pertencentes ao projeto e imersos no processo do Render-Ce”, destaca Milena.

Os alunos acompanharam de perto como o saber tradicional se mantém vivo, sendo transmitido de geração em geração pelas artesãs de Tauá. Linhas e histórias



revelam o artesanato como uma expressão cultural profundamente ligada à identidade da região. Segundo a coordenadora, “o principal objetivo do tema é guiar o olhar dos alunos para a resiliência do povo tauaense, que, vindo de um município do sertão nordestino, transforma o pouco que tem em muito”.

Logo no primeiro dia em Tauá, os estudantes iniciaram a programação com uma visita ao Centro de Artesanato, onde foram recepcionados ao som de forró ao vivo. No local, conheceram de perto amostras do artesanato produzido na região. Após o acolhimento,

Sob a chuva da tarde, alunos exploram o Museu dos Inhamuns em um mergulho na história local -

Foto: Manuela Esmeraldo

o grupo seguiu para o Museu dos Inhamuns, onde a curadora Salete Vale apresentou o acervo. Rochas, fósseis e objetos históricos, como vestimentas, armas e peças ligadas ao cangaço, ampliaram o olhar dos alunos sobre a memória e a identidade local.

No segundo dia de imersão, os estudantes se encontraram com as artesãs do bordado tenerife no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), em uma atividade voltada à escuta e à troca de experiências. Em duplas, cada aluno foi convi-

do a conhecer de perto a trajetória de uma artesã, enquanto, se expressavam livremente por meio de desenhos, colagens e anotações em uma grande folha branca.

Na sequência, uma oficina realizada em parceria com estudantes do curso de Farmácia apresentou novas possibilidades para o artesanato em tenerife, com a aplicação da técnica de resina. À tarde, o grupo seguiu para o Centro de Artesanato, onde artesãs e alunos deram início ao processo de criação conjunta dos produtos, com cada dupla alinhando ideias e expectativas.

Resultado da expressão de alunos e artesãs em desenho -
Foto: Leonardo Bino





No terceiro e último dia, a programação teve início com uma visita à Cooperativa Agroalgodão, onde os estudantes conheceram um pouco sobre a organização do trabalho coletivo no campo, ampliando a compreensão sobre a cadeia produtiva também atrelada ao fazer artesanal. A experiência reforçou a importância das iniciativas locais para o fortalecimento da economia e da autonomia na região.

Encerrando a imersão, os alunos retornaram ao Centro de Artesanato para os últimos ajustes nas peças que seriam desenvolvidas. O momento foi dedicado ao alinhamento final de detalhes.

Alunos e artesãos traduzem sentimentos e emoções em desenho - Foto: Leonardo Bino



A vivência em Tauá representa uma das propostas do Render-CE, de aproximar os estudantes das necessidades reais das artesãs. Segundo a coordenadora, o projeto envolve “várias frentes, desde a concepção colaborativa de peças até o desenvolvimento do projeto expográfico e da comunicação visual”. Na prática, os alunos aplicam o que aprendem em sala e acompanham a execução das próprias ideias.

A experiência vivida em Tauá pelos alunos se mostrou além do que mais uma etapa do projeto. Consolidou-se como um espaço de aprendizado e de imersão necessária, onde foram construídos vínculos, com ricas trocas de saberes e experiências. Como resultado, os estudantes passaram a enxergar o interior do Ceará, em especial Tauá, sob um novo olhar.

Render-CE aproximou realidades e promoveu trocas entre artesãs e participantes do projeto - Foto: Camila Mendes





Estudantes conhecem as origens da matéria-prima do artesanato -
Fotos: Letícia Ribeiro



Artesãs e alunos iniciam a criação conjunta, alinhando ideias e expectativas - Fotos: Camila Mendes





LOJA DO BEM REPOSICIONA ARTESANATO COMO VETOR DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO CEARÁ

A PRINCIPAL PROPOSTA É DAR VISIBILIDADE A ARTESÃOS ESPALHADOS NO ESTADO E PERMITIR, A TODOS ELES, A GERAÇÃO DE RENDA POR MEIO DA COMERCIALIZAÇÃO DE SUAS PEÇAS



Leonardo Piccinini

Aluno do curso de Jornalismo da Unifor

Mais do que um ponto de venda, a Loja do Bem nasce como uma engrenagem estratégica dentro do Projeto Render-CE. Fundada em 2015 como um programa social do Iguatemi Bosque, a loja promove e fortalece o artesanato cearense.

Nova unidade da Loja do Bem, no Shopping Iguatemi Bosque | Foto: Divulgação

Estrategicamente localizada no piso L1 do Iguatemi Bosque, a loja tem como objetivo corrigir um problema recorrente na cadeia do artesanato: a dificuldade de acesso a mercados estruturados e a baixa valorização do produto. Ao promover capacitação e posicionar-se como vitrine, o projeto já beneficiou mais de 800 trabalhadores em 48 municípios cearenses.

Nesse sentido, a Loja do Bem opera em três frentes. A primeira é cultural, ao reconhecer e preservar saberes tradicionais que, sem incentivo, tendem a desaparecer. A segunda, é social, ao gerar renda e autonomia para comunidades que historicamente operam à margem do mercado. Já a terceira é econômica, ao estruturar o artesanato como produto competitivo.

A ex-primeira-dama do Estado, Renata Jereissati, idealizadora do Render-CE, destaca o papel da Loja do Bem na geração de renda dos artesãos e artesãs por meio da comercialização de suas peças. “Muitas vezes, o artista trabalha conforme a época do ano. Eles plantam, pescam, e o artesanato é um complemento”, explica.

Renata destaca, ainda, o senso de pertencimento que os artesãos e artesãs possuem com seus locais de nascimento. “Eles permanecem no local que nascem. E, mesmo sem se deslocar, ganham um dinheiro para ajudar no ensino dos filhos, na construção da casa, nas compras do mês”, sintetiza.

A relação com o Projeto Render-CE, então, visa a estruturar o artesanato como produto competitivo. A Loja do Bem funciona como uma extensão das diretrizes do programa, transformando formação e qualificação em venda e circulação.

Ao valorizar produtos vinculados a regiões específicas, a Loja do Bem reforça identidades locais e cria narrativas que agregam valor. Em um cenário onde a autenticidade se tornou ativo de mercado, cada peça carrega histórias que preservam tradições.

Assim, cada cidade participante do projeto passa a consolidar sua imagem como polo de produção cultural, evitando a descaracterização dos produtos e reduzindo a dependência de agentes externos. A estratégia também reorganiza a percepção de mercado. Tradicionalmente, grande parte do valor fica concentrada na ponta da venda, enquanto o produtor recebe uma fração desproporcional.

O modelo adotado pela Loja do Bem promove a redistribuição deste valor, com critérios mais transparentes de precificação, redução de intermediários e definição de margens que levam em conta o tempo, a técnica e o custo real de produção.

Ao garantir uma remuneração justa, o projeto garante a continuidade da produção, melhora a qualidade dos produtos e reduz a informalidade. Em outras palavras, cria condições para que o artesanato deixe de ser atividade complementar e se consolide como fonte principal de renda.

A Loja do Bem resolve não apenas um problema antigo do mercado de artesanato, mas testa, na prática, um modelo de desenvolvimento com base na cultura, na valorização do território e na distribuição justa de renda. Artesãos e artesãs passam a operar, portanto, como engrenagem essencial da infraestrutura econômica, e não apenas como patrimônio simbólico.



Loja vende produtos feito por artesãos e artesãs | Foto: Portal IN

OFICINA DE ENFERMAGEM DEBATE MENOPAUSA E FORTALECE AUTOCUIDADO ENTRE ARTESÃS DO CEARÁ

ATIVIDADE REUNIU RELATOS SOBRE CLIMATÉRIO,
MUDANÇAS HORMONAIS E AUTOESTIMA, ALÉM DE
ORIENTAÇÕES PRÁTICAS VOLTADAS À PREVENÇÃO E AO
CUIDADO FEMININO DURANTE O ENVELHECIMENTO



Leonardo Piccinini

Aluno do curso de Jornalismo da Unifor

A oficina de Enfermagem do Projeto Render-CE, parceria da Universidade de Fortaleza (Unifor) com o Iguatemi Bosque e a Loja do Bem, abriu espaço para um tema que atravessa silenciosamente a vida de milhares de mulheres: o climatério e a menopausa.

Logo no início da atividade, realizada no Núcleo de Atenção Médica Integrada (Nami), as estudantes destacaram que a saúde da mulher vai muito além das questões físicas. Aspectos emocionais, psicológicos e sociais também fazem parte desse processo. “A vida da mulher é algo complicado”, resumiu uma das participantes, em meio aos relatos compartilhados ao longo da manhã.

As alunas explicaram que o climatério corresponde ao período de transição hormonal vivido antes, durante e depois da menopausa. Ondas de calor, mudanças de humor, baixa autoestima e ganho de peso estão entre os sintomas mais comuns relatados pelas mulheres nessa fase.

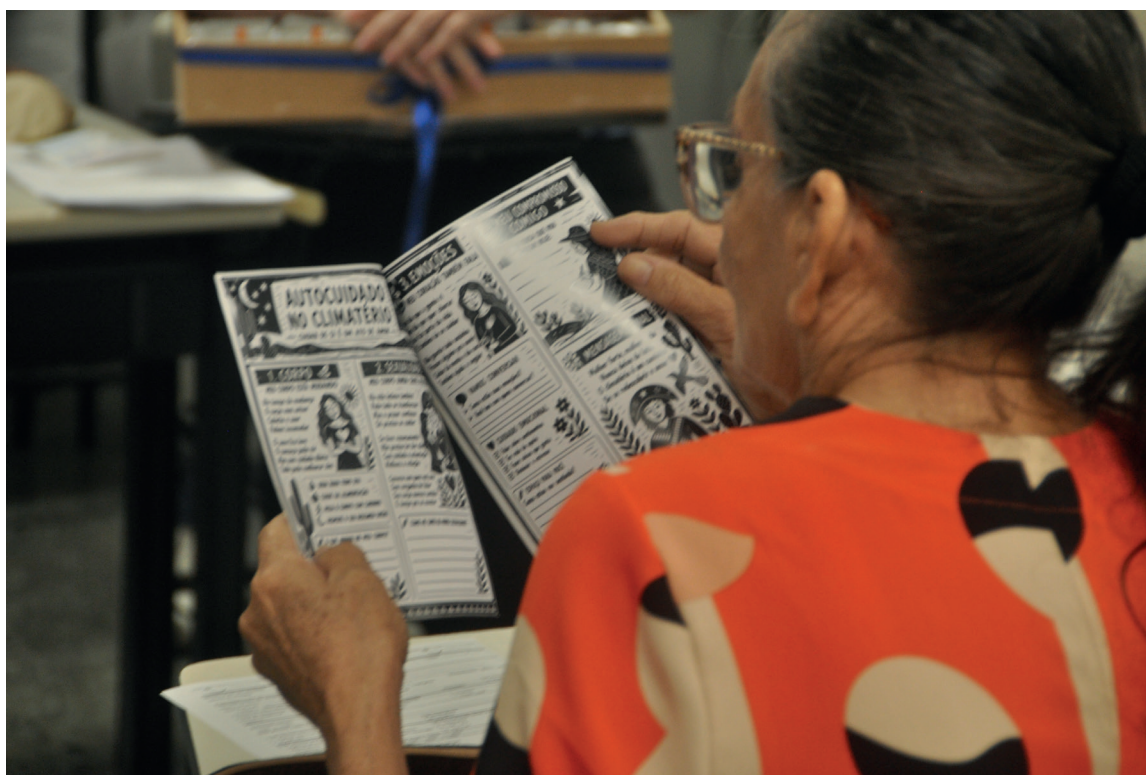
Em diferentes momentos, a oficina se transformou em uma roda de conversa espontânea. “Me ajudem, turma da menopausa”, brincou uma das artesãs, incentivando outras participantes a dividirem suas experiências.

Entre os relatos, o de Cícera chamou atenção. Ela contou que precisou fazer uma histerectomia aos 38 anos por causa de um câncer. Hoje, compartilha sua trajetória como forma de incentivo para outras mulheres que enfrentam situações semelhantes.

A proposta principal da oficina era estimular o autoconhecimento e fortalecer o cuidado preventivo. Por isso, um dos momentos centrais da atividade foi a orientação sobre o autoexame das mamas.

Utilizando moldes anatômicos de seios, as estudantes ensinaram, na prática, como observar sinais de alteração e reforçaram a importância de realizar o autoexame regularmente, pelo menos uma vez a cada seis meses.

Mais do que uma palestra, a oficina acabou funcionando como um espaço de escuta, troca e acolhimento entre mulheres que carregam histórias diferentes, mas muitas vezes marcadas pelas mesmas dúvidas, inseguranças e transformações do corpo.



Autocuidado no climatério foi um dos pontos mais tocados na oficina



AGULHAS, LINHAS E GESTÃO: TRANSFORMANDO ARTESANATO EM NEGÓCIO

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
PROMOVE OFICINA VOLTADA À
ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA DE
ARTESÃS DE TAUÁ

♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦

Laíssa Esmeraldo

Aluna do curso de Jornalismo da Unifor

Um dos desafios inerentes ao empreendedorismo é garantir uma gestão eficiente do negócio para que ele prospere. Pensando nisso, o projeto Render-CE proporcionou às rendeiras do teneife de Tauá um momento de aprendizado voltado às finanças e aos processos de formalização e gerência da produção. A iniciativa buscou despertar nas artesãs novas possibilidades de organização e expansão dos próprios negócios.



Para Paulo Gomes, formalizar o negócio é o principal desafio, e é passo essencial para garantir reconhecimento e se fortalecer no mercado - Foto: Manuela Esmeraldo

Fonte : HDMI
Pesquisando todas as fontes...



Para o professor, o artesanato local reúne qualidade, beleza e potencial para alcançar o mundo | Foto: Manuela Esmeraldo

Paulo Gomes é professor e coordenador do Ensino à Distância (EAD) de Ciências Contábeis, o professor Paulo Gomes ministrou a oficina com ajuda de alunos do curso de Comércio Exterior e Ciências Contábeis. Ele fala com convicção que existe muito potencial no ténorife, “não só pela qualidade dos produtos, mas pelo diferencial e pela identidade cearense, que pode ser reconhecida pelo mercado interno e, até, internacional”.

Rafaela Ponte, assessora da Assessoria de Apoio ao Discente da Vice-Reitoria de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Unifor e coordenadora do projeto, explica que a inclusão de uma oficina sobre este tema surgiu da própria realidade das artesãs, que já atuam como empreendedoras de certa forma. Da organização financeira às possibilidades de mercado, “elas passam a ter uma maior segurança sobre as ações”, favorecendo o crescimento do negócio.

A ideia, completa a coordenadora, é ajudar as artesãs a organizar as próprias finanças, poupar e investir, com mais consciência, mostrando que não é só “guardar o dinheiro”. É saber utilizar de maneira estratégica para crescimento econômico e proporcionar mais estabilidade.

Para isso, é fundamental investir na organização financeira e na formalização do negócio, ferramentas essenciais para tornar o artesanato uma atividade economicamente sustentável.

Paulo Gomes ressalta que o principal fator que contribui para a falência das empresas é, justamente, a falta de gestão. Práticas como misturar o dinheiro pessoal com o do negócio, não registrar gastos e desconhecer o próprio lucro foram apontadas como obstáculos que dificultam o crescimento das atividades.

Por outro lado, atitudes como anotar entradas e saídas, separar as contas pessoais das do negócio, calcular corretamente o custo de cada peça, definir preços com base nos custos e na margem de lucro e planejar a compra de materiais foram destacadas como essenciais. A ideia é sair do improviso e adotar uma organização diária, entendendo que pequenos controles podem gerar grandes resultados.

A artesã Silvênia Ferreira afirma que a palestra foi esclarecedora. Embora já procurasse cuidar do próprio dinheiro, reconhece que, em alguns momentos, acabava se sabotando: misturava as finanças e comprometia a organização do negócio.

“Tinha muitas dúvidas a respeito de tributos, de como calcular, de como ter o controle das finanças e de como vender”, confessa a artesã. Mas, hoje, ela se sente mais preparada. “Muito mais preparada”, diz com alegria e promete não mais se boicotar e manter o “pulso firme”.

Aparecida Evangelista, artesã, conta que a oficina trouxe novos aprendizados e, apesar de já ter formação em Administração, afirma que o conteúdo ampliou seus conhecimentos e despertou a von-

tade de buscar mais informações. Segundo ela, a experiência também mudou sua forma de pensar o próprio negócio.

Mais segura, diz que pretende aplicar as orientações, economizar e buscar novas formas de renda. “Estou até pesquisando mais para mudar, pegar as dicas que ele deu e melhorar, então realmente valeu a pena”, afirma.

Os relatos das artesãs evidenciam a importância de iniciativas como esta, que vão além da teoria e conseguem atingir diretamente as dificuldades vividas no dia a dia. Foi nesse sentido que a oficina se estruturou, oferecendo orientações práticas voltadas à organização e ao fortalecimento dos negócios.



Em uma troca de saberes, artesãs tiram dúvidas e recebem orientações especializadas - Foto: Manuela Esmeraldo



Foram-lhes apresentados os serviços gratuitos oferecidos aos pequenos empreendedores pelo Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal (NAF), da Unifor. A oficina também tratou da importância do planejamento pessoal e do negócio, da possibilidade de exportação dos produtos. Com o intuito de promover mais clareza estratégica para expansão das atividades e fortalecimento do negócio.

Apesar de já cuidar da própria renda, Rosário Fortuna reconhece que tinha dificuldade em separar as finanças pessoais das do trabalho que, segundo ela, sempre foi um desafio. Após a palestra, a artesã diz se sentir mais preparada para organizar o negócio. Com mais clareza, garante que pretende adotar uma nova postura. “Agora eu vou deixar separado (...) tirar do meu trabalho pra botar em casa não dá certo”, conclui.

Com isso, Gomes destaca o esforço conjunto da equipe em tornar acessíveis termos técnicos, cálculos e conceitos, especialmente aqueles ligados ao universo financeiro e à burocracia do governo. “Desmistificamos tudo o que a gente tem para tornar uma linguagem bem acessível para eles, dinâmico e descontraído, para fácil absorção”, explica.

Divididas entre a escuta atenta e o movimento das mãos no tenerife, as artesãs acompanhavam as explicações, fazendo anotações e tirando dúvidas, o que chamou a atenção do professor. Ele destaca “o interesse delas em querer aprender, fazer dar certo e querer saber gerenciar e organizar, para que o negócio não pare”.

O professor fala ainda sobre o resgate da cultura com a renda tenerife que não deve se limitar ao valor identitário e cultural, mas também se consolidar como uma atividade viável e lucrativa. E, para além do financeiro, lembra e ressalta que todo o aprendizado tem ainda o propósito de empoderar as mulheres, para que possam se reconhecer quão importantes elas são, não só para Tauá, mas para o Ceará e, por que não, para o mundo.

Mais do que apenas produzir, essas artesãs estão construindo novos caminhos para se fortalecerem como empreendedoras. Ampliam, assim, a própria autonomia e, ao mesmo tempo, garantem a continuidade da tradição do tenerife, assumindo novos significados, como fonte de renda, autonomia e futuro.



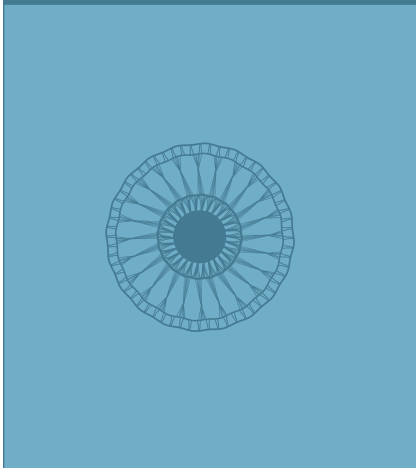
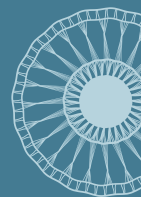


Linha e caneta acompanham as artesãs que, atentas, anotam e tiram dúvidas durante a oficina - Fotos: Manuela Esmeraldo

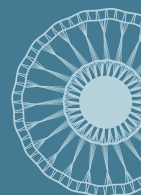




Unifor



Sertanear



Unifor





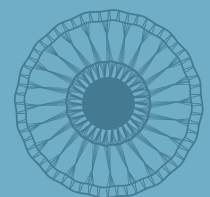
Sertanear



Unifor



Sertanear



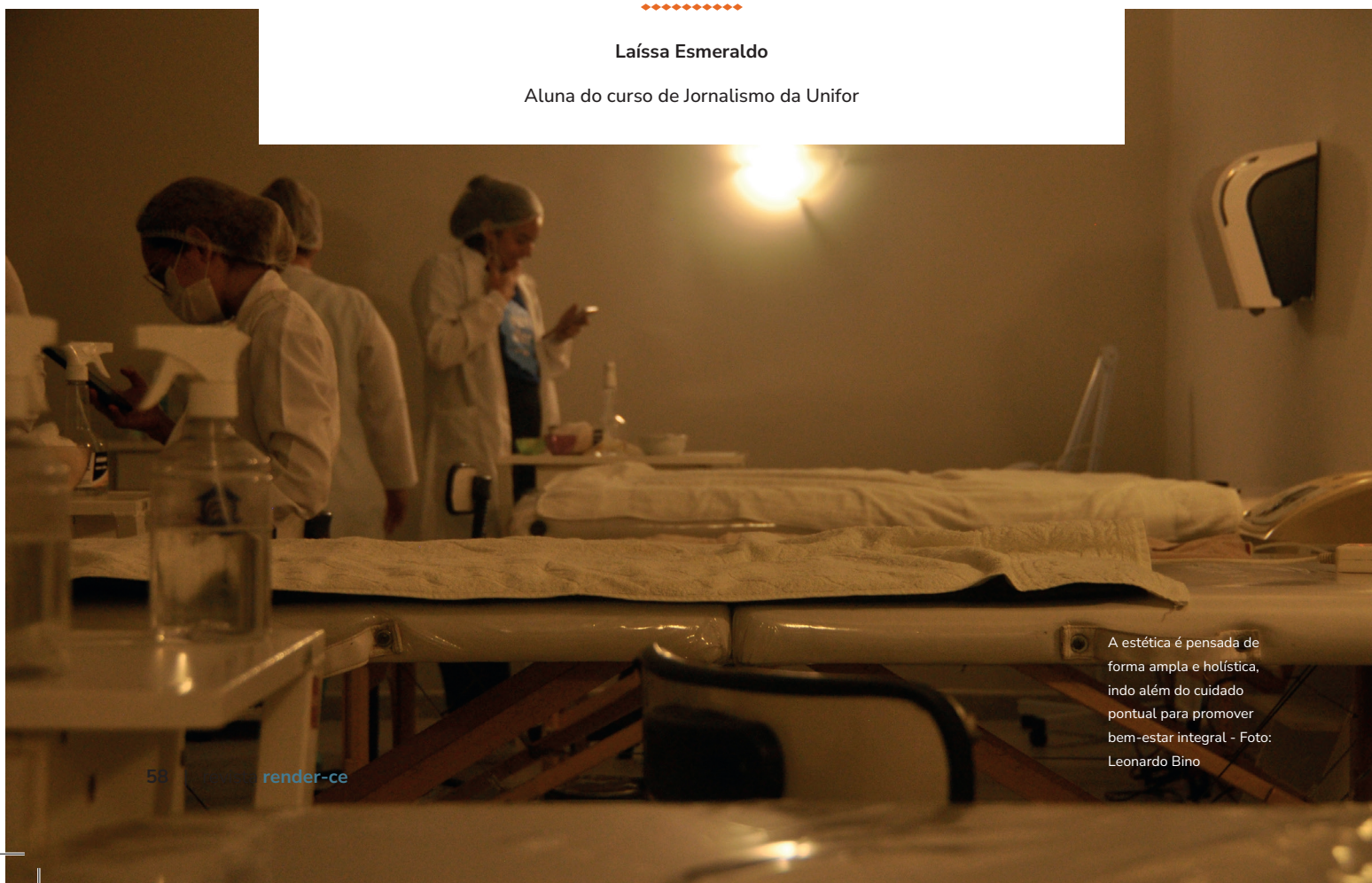
UM DIA DE AUTOCUIDADO: BEM-ESTAR E SAÚDE LADO A LADO

INICIATIVA REÚNE ATENDIMENTOS ESTÉTICOS
E GINECOLÓGICOS PARA PROMOVER CUIDADO
INTEGRAL, AUTOESTIMA E ACESSO À PREVENÇÃO
ENTRE ARTESÃS



Laíssa Esmeraldo

Aluna do curso de Jornalismo da Unifor



A estética é pensada de forma ampla e holística, indo além do cuidado pontual para promover bem-estar integral - Foto: Leonardo Bino

No Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI), da Universidade de Fortaleza (Unifor), o curso de Medicina e o de Estética e Cosmética ofereceram serviços focados no cuidado com a saúde da mulher. Ao longo da manhã, as artesãs de Tauá foram acolhidas para uma experiência que uniu tratamentos faciais voltados ao bem-estar e à autoestima, a consultas ginecológicas voltadas para exames e orientações preventivas.

A iniciativa evidenciou a importância de promover cuidados integrados para essas mulheres que, muitas vezes, acabam se colocando em segundo plano. A professora Raquel Lima, docente na graduação de Estética e Cosmética, diz que o objetivo da oficina foi promover um momento de cuidado próprio.

“É proporcionar às artesãs um momento de cuidado e atenção, em que elas possam se sentir como ‘personagem principal’ da própria vida”, explica a professora. Destaca que, em sua maioria, são mulheres mais maduras, com famílias e uma rotina dedicada ao trabalho e aos outros, que muitas vezes, acabam esquecendo de si.

A rotina da artesã Marinete da Silva, muitas vezes, a coloca em segundo plano. Com as demandas da casa, da família e do trabalho, conta que não consegue separar um tempo para si. “É muita ocupação, não paro. A gente se desliga um pouco”, admite e, por isso, afirma ter “amado o atendimento”, ressaltando a importância deste momento, especialmente para lembrar da necessidade de se priorizar.

Fortalecer a autoestima é também cuidar da saúde mental e transformar a forma como cada mulher se vê e é vista - Foto: Leonardo Bino



A artesã Ivone de Araújo reconhece que se priorizar nem sempre faz parte da sua rotina e admite ser “descuidada com a própria estética”. Relata que dificilmente consegue interromper os afazeres do dia a dia para cuidar de si. Ainda assim, garante que a experiência foi transformadora: “eu me senti rejuvenescida, com outro astral”.

O professor Weverton Dutra, que também integra a coordenação do curso de Estética e Cosmética da Unifor, explica que os atendimentos seguiram uma sequência de cuidados voltados à saúde da pele, com higienização e esfoliação para renovar a pele e estimular o colágeno, seguidas da aplicação de produtos para equilibrar o pH e promover a hidratação.

Ele esclarece que o procedimento incluiu ainda o uso de uma máscara personalizada, definida de acordo com as necessidades de cada paciente, além de uma massagem antigravitacional com esferas, que contribui para a firmeza e revitalização da pele. Ao final, o atendimento foi concluído com a aplicação de fotoproteção, garantindo a proteção necessária após os cuidados realizados.

Além das práticas de bem-estar, outra oficina acontecia paralelamente também contemplando a saúde da mulher de forma mais ampla. No ambulatório do NAMI, as artesãs tiveram acesso a atendimentos ginecológicos individuais, que incluíram a realização de exames preventivos e orientações, fortalecendo o cuidado com a saúde feminina.

A médica ginecologista e obstetra Camilla Ribeiro, e professora da Unifor, fala da importância dessa oficina para as artesãs. Principalmente porque muitas “há dificuldade de acesso a um atendimento especializado, então essa parceria com a Unifor faz toda a diferença, porque amplia o acesso à saúde, fortalece a prevenção e oferece um cuidado mais próximo, acolhedor e humanizado”, explica.

Cada consulta é conduzida com atenção individual, respeitando as necessidades de cada caso - Foto: Camila Mendes



As consultas não se limitaram apenas à coleta de exames periódicos. Médicos e alunos buscaram abordar o tema “saúde da mulher” de forma mais completa, com temas que, muitas vezes, não aparecem nas consultas de rotina, como a saúde sexual e o bem-estar ginecológico.

Em cada atendimento, a paciente foi avaliada individualmente, considerando as queixas e as necessidades específicas, com realização de exames, ou não. Foram oferecidas ainda, orientações sobre saúde íntima, métodos contraceptivos e prevenção de doenças. Às artesãs atendidas foi garantido o retorno para análise dos resultados e continuidade do acompanhamento.

Para a artesã Deuza da Silva, a experiência na oficina com os alunos do curso de medicina foi positiva. Elogiando o atendimento, ressaltou o trabalho da equipe principalmente pelo acolhimento e pela atenção. Segundo a artesã, as profissionais “são bem preparadas, simpáticas e ofereceram um cuidado que fez toda a diferença”.

A iniciativa também funcionou como um incentivo para que mu-



lheres olhem mais para a própria saúde. Deuza ressalta que é fundamental que haja mais atenção ao cuidado feminino. Em meio à rotina de trabalho, reconhece que muitas vezes o autocuidado não existe. “A gente tem que tirar um tempinho para a gente, para se cuidar, né?”.

A artesã Maria de Sousa resume a experiência com entusiasmo: “nota 10!”. Satisfeita com a consulta, descreve o momento como “maravilhoso” e elogia a equipe pela maneira como foi recebida. “As meninas são muito legais, simpáticas, carinhosas e respeitadoras”, destaca. Iniciativas como a que viveu a artesã cumprem, também, um papel importante para incentivar o cuidado consigo e ajudar mulheres a olharem mais para a própria saúde.

A prevenção é essencial para cuidar da saúde desde a raiz, permitindo tratamentos mais simples e reduzindo riscos e complicações - Foto: Camila Mendes



Com tabus, vergonha e falta de acesso, o acolhimento e a orientação se mostram como fundamentais para o cuidado com a saúde - Foto: Camila Mendes

Sem esconder a emoção, a artesã Antonete Santos diz não encontrar palavras para descrever a experiência que viveu nas oficinas. “Não tenho nem palavras para expressar minha gratidão. Todos foram maravilhosos”, afirma ao elogiar o atendimento recebido.

Essa iniciativa impactou diretamente na vida dessas mulheres, pois incentivou o cuidado com a própria saúde. Antonete se surpreende com o tamanho do projeto como um todo, classificando como algo raro. “É uma coisa que,

se você for pensar, nem existe de tão boa que é” e, ao refletir sobre os efeitos da ação, é irredutível: “muda tudo!”.

As falas das artesãs mostram a sensação de satisfação e evidenciam o impacto positivo que iniciativas como essa são capazes de produzir. Ao integrar bem-estar e prevenção em um mesmo espaço, a ação reforça a importância de olhar para a própria saúde de maneira ampla, para que possam se colocar e se reconhecerem como prioridade.



JUNTAS, ARTESÃS TECEM, ESCUTAM E SE CURAM

OFICINA PROMOVE ACOLHIMENTO E CUIDADO
PSICOLÓGICO COM ESCUTA QUALIFICADA E
FORTALECE VÍNCULOS CRIANDO O SENTIMENTO
DE PERTENCIMENTO ENTRE AS PRÓPRIAS ARTESÃS



Laíssa Esmeraldo

Aluna do curso de Jornalismo da Unifor

Rede de apoio fortalece
vínculos, promove acolhi-
mento e reforça o senti-
mento de pertencimento
- Foto: Felipe Vasconcelos

A Universidade de Fortaleza (Unifor), por meio do curso de Psicologia, proporcionou às artesãs de Tauá um momento de escuta e acolhimento. O professor Rafael Queiroz reuniu o grupo em uma roda de conversa, criando um espaço de troca que valoriza as trajetórias de vida e reconhece as experiências que atravessam o fazer artesanal.

O professor elucida que a iniciativa se deu após a imersão no próprio território, em Tauá, onde, por meio de uma escuta sensível, identificaram necessidades e demandas que atravessam dimensões afetivas, relacionais e sociais.

“A inserção no território possibilitou acessar não apenas o fazer artesanal em sua dimensão técnica mas, sobretudo, as tramas subjetivas que o sustentam: memórias, narrativas, vínculos e formas de resistência, evidenciando a potência do artesanato como linguagem e expressão social, comunitária e subjetiva”, explica Queiroz.

É nesse mergulho, nas diferentes dimensões do fazer artesanal, que a escuta se revela necessária. Ao se aproximar das histórias dessas mulheres, a oficina revela que, por trás de cada peça produzida, existem vivências que, quando acolhidas, ajudam a dar novo sentido às experiências do cotidiano.

A artesã Cicerlândia Alves relata que o artesanato, além da arte, é cura, que chegou no momento certo. “Estava em um momento extremamente difícil da minha vida. Passei por muitas perdas: avós, mãe, tio e primos”, conta emocionada, e o tenerife chegou como um alívio possível, ajudando a amenizar a própria dor e a ressignificar o luto.

Assim, o artesanato deixa de ser apenas uma atividade produtiva e passa a funcionar também como forma de expressão emocional. Ao colocar sentimentos no fazer manual, muitas dessas mulheres encontram uma maneira de elaborar as próprias experiências.

Com troca de experiências e escuta atenta, o grupo se torna um espaço de apoio e fortalecimento emocional - Foto: Felipe Vasconcelos



O bordado se apresenta como uma prática, a qual envolve tempo, corpo e construção de sentido. Ao exigir repetição, ritmo e atenção, favorece um estado de presença e desaceleração, contribuindo para a regulação emocional e ajudando a organizar angústias e tensões.

“Além disso, o bordado permite uma forma singular de expressão: aquilo que muitas vezes não encontra palavras pode ser inscrito no tecido. Cada ponto, cada escolha de cor ou forma, pode ser entendido como uma marca subjetiva”, complementa o professor.

A artesã Ivonete da Silva conta que encontra paz no artesanato. Esse momento funciona como uma pausa no dia, onde consegue se concentrar e cultivar pensamentos positivos. “Eu fico meditando coisas boas”, revela.

Na prática, a relação entre fazer e sentir se manifesta de forma natural no encontro com as artesãs. O bordado e a fala se encontram no mesmo lugar. As artesãs se organizaram em semicírculo e, uma a uma, tiveram espaço para falar por alguns minutos. Todas puderam compartilhar suas histórias: algu-

mas se emocionaram, enquanto outras se mantinham ocupadas com o ténifere, entrelaçando fios enquanto falavam.

A artesã Ana Maria Gomes fala com sorriso no rosto: “Eu me senti muito bem, sabe por quê? Porque a gente botou tudo para fora. Às vezes, a gente tem vontade de falar, mas sentimos medo e insegurança. Eu me senti livre!”.

Embora tenham sido relatos e experiências únicas, tudo convergiu para a mesma ideia, onde o artesanato aparece como “cura”,

“libertação”, “alegria” e “paz”. O professor Rafael relata que muitas dessas mulheres carregam histórias marcadas por sobrecarga e silenciamento.

Na percepção de Queiroz, também aparecem com frequência, relatos de ansiedade, tristeza persistente e um sentimento de esgotamento diante das múltiplas funções que assumem no cotidiano. “Muitas ocupam lugares de cuidado, com filhos, companheiros, pais, mas sem, necessariamente, terem um espaço onde possam ser cuidadas ou escutadas”.



O fazer manual surge como caminho para acessar e compreender o que está no próprio interior
Foto: Felipe Vasconcelos

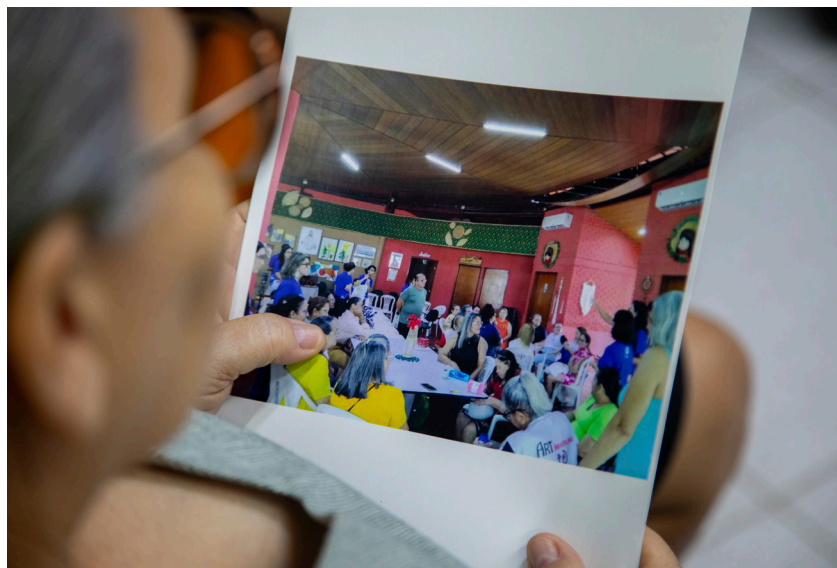
Ao reunir mulheres com vivências singulares, porém semelhantes, o grupo de artesãs cria um ambiente onde é possível falar, ouvir e se reconhecer na história do outro. Constrói-se, assim, uma rede de apoio que ultrapassa o individual. O bordado favorece a construção de uma narrativa coletiva.

“Ao mesmo tempo em que cada uma borda sua própria história, há uma trama comum que se constitui no encontro. O compartilhamento de saberes e experiências fortalece o sentimento de pertencimento e contribui para a reconstrução de sentidos”, explica o professor Rafael Queiroz.

Frases como “aqui é o único lugar que eu sinto que posso respirar um pouco”, “ir para o Centro de Artesanato e bordar é a minha terapia”, “depois que comecei a bordar, não tomo mais remédio” e “em casa ninguém escuta, mas aqui parece que alguém entende” evidenciam os impactos positivos que o artesanato e o convívio em grupo têm na vida dessas mulheres.

O artesanato ultrapassa a dimensão produtiva e se consolida como um espaço de possibilidades, onde tradição e criação se entrelaçam. Neste processo, surgem novos ca-

minhos, formas de viver e sentidos que fortalecem tanto a experiência individual quanto a identidade coletiva e cultural entre elas.



A rede formada entre artesãs e o Centro de Artesanato se firma como espaço essencial de cuidado, vínculo e fortalecimento coletivo - Foto: Felipe Vasconcelos



O grupo se torna um espaço onde histórias são revisitadas e ressignificadas coletivamente
Foto: Felipe Vasconcelos



CURSO DE FISIOTERAPIA PROMOVE DEBATE SOBRE SAÚDE ÍNTIMA E BEM- ESTAR ENTRE ARTESÃS DO RENDER-CE

MEDITAÇÃO, EXERCÍCIOS CORPORAIS E
EXPLICAÇÕES ANATÔMICAS AJUDARAM
PARTICIPANTES A RECONHECER
SINTOMAS LIGADOS À PELVE E
DESENVOLVER MAIS CONSCIÊNCIA
CORPORAL E EMOCIONAL



Leonardo Piccinini

Aluno do curso de Jornalismo da Unifor

Quem nunca precisou correr para o banheiro e não conseguiu chegar a tempo? A pergunta, lançada logo no início da oficina de Fisioterapia, realizada no Núcleo de Atenção Médica Integrada (Nami), arrancou risos tímidos e olhares de identificação entre as artesãs do Projeto Render-CE, parceria da Universidade de Fortaleza (Unifor) com o Iguatemi Bosque e a Loja do Bem.

A partir dali, o assunto deixou de ser tabu e virou uma conversa franca sobre corpo, envelhecimento e autocuidado.

Estudantes do curso de Fisioterapia da Unifor explicaram que a pelve também é formada por músculos e, com o passar do tempo, essa musculatura pode perder força. É daí que surgem problemas como incontinência urinária e fecal, secura vaginal e dores durante as relações sexuais. Muitas das participantes relataram que começaram a perceber esses sintomas após a histerectomia (procedimento cirúrgico que consiste na remoção total ou parcial do útero). Uma delas contou já ter passado pela fisioterapia pélvica.

Com moldes anatômicos em tamanho real nas mãos, as alunas detalharam o funcionamento do assoalho pélvico, enquanto as artesãs observavam tudo com curiosidade e bom humor. Durante a explicação, as futuras fisioterapeutas também destacaram que a fisioterapia pélvica é considerada hoje um dos principais tratamentos para casos de incontinência urinária, inclusive em mulheres que passaram por tratamento oncológico.

A oficina mostrou ainda algumas técnicas utilizadas na área, como o uso de eletrodos de superfície na região do períneo, associados a correntes elétricas terapêuticas e exercícios específicos. O principal objetivo era simples, mas essencial: fazer com que as mulheres desenvolvessem consciência sobre o próprio corpo.

Em um dos momentos mais sensíveis da atividade, as luzes foram apagadas para um exercício de relaxamento e conexão corporal. Sentadas confortavelmente, as artesãs foram orientadas a fechar os olhos, respirar profundamente e relaxar os músculos da face, dos

ombros e do queixo. Depois, toda a atenção deveria ser levada para a pelve.

“Minha bexiga está cheia ou vazia? Estou confortável ou desconfortável?”, perguntava a condução da dinâmica.

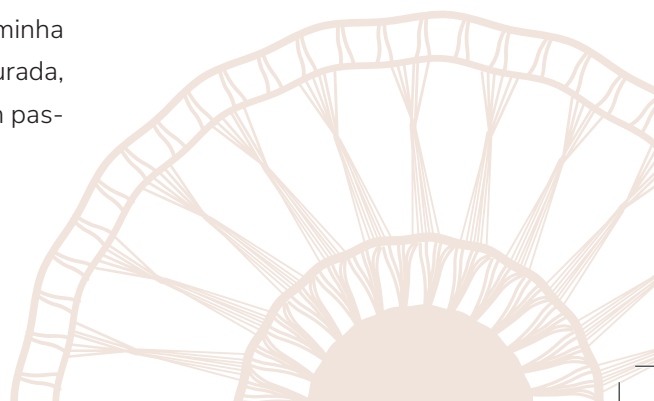
A experiência mexeu com muitas participantes. Cícera, uma das artesãs, compartilhou o peso emocional carregado ao longo da vida.

“Não posso trabalhar nem chegar à minha casa de cara feia, tenho família e filho. Já senti dor emocional, dor na alma, e sempre atendi sorrindo. Já passei por tantas coisas... Hoje superei. Existem muitos problemas, e vou atrás da minha cura. Não sei se vou ficar curada, mas vou atrás. Só sabe quem passa”, relatou.



Ao final da meditação, cada participante precisou resumir em uma palavra o que estava sentindo. “Ótima”, “relaxada”, “excelente”, “calmíssima”, “grata” e “calma” foram algumas das respostas ouvidas na sala.

Depois do momento de introspecção, a oficina ganhou outro ritmo. Sob orientação da estudante Bárbara, as artesãs se levantaram para participar de exercícios práticos e dinâmicas corporais. Entre movimentos, dança e muitas risadas, o encontro terminou leve, descontraído e com uma sensação compartilhada de acolhimento.



PET DE MEDICINA INTEGRA ASSISTÊNCIA, PESQUISA E PRÁTICA EM SAÚDE COLETIVA NO RENDER-CE

PROJETO LEVA ATENDIMENTO MÉDICO E
PREVENÇÃO EM SAÚDE ÀS ARTESÃS, ALÉM DE
APROXIMAR ESTUDANTES DA REALIDADE DO
INTERIOR CEARENSE



Leonardo Piccinini

Aluno do curso de Jornalismo da Unifor

A participação do curso de Medicina da Universidade de Fortaleza (Unifor) no Projeto Render-CE já virou tradição. Segundo a professora Rafaela XXX, coordenadora da ação junto ao PET Medicina, o trabalho desenvolvido com as artesãs começou ainda no ano passado, durante uma edição realizada em Aracati.

“A nossa primeira participação foi com as artesãs de Aracati e das comunidades próximas. Na época, elas trabalhavam com labirinto. E surgiu essa ideia de fazer um mutirão de atendimento para síndrome metabólica, diabetes e obesidade, porque era

uma necessidade dessas artesãs”, explica.

Nesta edição de 2026, o foco voltou-se para as artesãs de Tauá, conhecidas pelo trabalho com o Tenerife. A proposta foi ampliar o atendimento relacionado à obesidade e seus impactos na saúde.

“É muito gratificante, não só como professora, mas também pelo envolvimento dos alunos. Para eles, é uma prática importante, porque entram em contato com pacientes do interior do Ceará e conseguem vivenciar a medicina de forma muito concreta”, afirma Rafaela.



Durante a oficina, realizada no Núcleo de Atenção Médica Integrada (Nami), os estudantes participaram diretamente das consultas, realizaram exames físicos e aplicaram questionários sobre hábitos alimentares, atividade física e qualidade de vida. O trabalho contou ainda com apoio do PET Farmácia, coordenado pela professora Angelina, responsável pela etapa de pré-consulta.

As pacientes já chegavam às salas com dados como pressão arterial, peso e circunferência abdominal registrados, o que ajudou a otimizar os atendimentos.

“Tudo foi muito planejado, cronometrado. Os alunos já sabiam quais perguntas deveriam fazer e quais informações precisavam colher. Só foi possível atender todas as artesãs por causa dessa organização”, relata.

Além da assistência médica, a iniciativa também gera impacto acadêmico. Os dados coletados durante as ações são utilizados em pesquisas e apresentações científicas.

“Em 2025, conseguimos apresentar esse trabalho em congressos



de educação médica, além de publicações ligadas à universidade. É um projeto que une pesquisa, ensino e extensão ao mesmo tempo”, destaca.

Entre os momentos mais marcantes desta edição, Rafaela lembra da consulta realizada com uma artesã que havia sido professora de uma das estudantes bolsistas do PET Medicina.

“Ela olhou para mim e disse: ‘Agora é a senhora que está cuidando da Laura’. Foi muito emocionante. A Laura abraçou a professora dela ali mesmo. Era como se ela estivesse devolvendo para Tauá, em forma de assistência, tudo aquilo que recebeu”, conta.

Para a coordenadora, experiências como o Render-CE têm papel fundamental na formação dos futuros médicos.

“O aluno passa a entender a vida como ela é. O Ceará tem riquezas culturais enormes, como o artesanato, mas também enfrenta desafios importantes no acesso à saúde. São doenças silenciosas, altamente prevalentes, e que muitas vezes só aparecem quando já causaram complicações graves”, afirma.

Rafaela reforça que a obesidade precisa ser encarada como uma doença crônica e que ações preventivas são fundamentais para evitar problemas como infarto, AVC, doenças hepáticas, infertilidade e até alguns tipos de câncer.

“Prevenção é tudo. Quando a gente consegue identificar essas doenças cedo, orientar hábitos mais saudáveis e acompanhar essas pacientes, o impacto na qualidade de vida é enorme”, concluiu.